

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

TIJOLOS E ESPELHOS, O CINEMA IRANIANO REVISITADO (1955-2015)

PARTE 2 – DEPOIS DA REVOLUÇÃO

22 e 31 de Março de 2023

ZIR-E POOST-E SHAHR / 2001

“SOB A PELE DA CIDADE”

um filme de RAKHSHAN BANIEEMAD

Realização, Argumento: Rakhshan Banietemad *Fotografia* (35 mm, cor): Hossei Jafarian *Som:* Asghar Shahverdi, Mohammad Reza Delpak *Montagem:* Mostafa Kherghepoosh *Direcção artística:* Omid Mohit *Interpretação:* Golab Adineh (Tooba), Mohammad Reza Forutan (Abbas), Baran Kosari (Mahboubeh), Ebrahi, Sheibani (Ali), Mohsen Ghazi Moradi (Mahmoud, o pai), Mehraveh Sharifinia (Masoumeh), Homeira Riazzi (Hamideh), Alireza Oosivand (Nasser Khan), Mehrdad Falahatger (Marandi), Nazanin Farahani (Nahid), etc.

Produção: Farabi Cinema Foundation (Irão, 2001) *Produtores:* Rakhshan Banietemad, Jahangir Kosari *Cópia:* ficheiro digital, cor, versão original em farsi com legendas em inglês e legendagem electrónica em português, 92 minutos *Grafia alternativa:* Zir-i pūst-i shahr *Título internacional:* Under the Skin of the City *Estreia:* 4 de Fevereiro de 2001, no Festival Internacional de Cinema Fjar (Teerão) *Inédito em Portugal, Primeira apresentação em Portugal.*

“Uma mensagem? Mas que mensagem, caro senhor?! A dada altura... queixávamo-nos e vocês diziam que estávamos a travar uma guerra. Era verdade, e aceitávamos que assim fosse. Depois da guerra, pediam-nos paciência porque o país estava em escombros e nós continuámos a aguentar. Agora há alguém que quer salvar-nos, portanto estou aqui para votar...” Os ruídos que se escutam em fundo são interrompidos por uma voz masculina, “Desculpe, minha senhora! Estamos com problemas técnicos. Comece outra vez, por favor.” A mulher de meia-idade, velada de negro como os vultos restantes ocupando o espaço do plano geral que protagoniza ao centro, responde em posição frontal, agora zangada, “Esqueça lá isso! Perdi a minha casa! O meu filho fugiu! Nos dias que correm filmam-nos por toda a parte. Gostava que alguém filmasse o que se passa dentro do meu coração! Aqui! [no peito, onde bate] A que raio de gente mostram vocês estes filmes?!”

Não é de início que se escutam estas palavras, a crueza e a zanga fundem a negro sem que haja resposta. De começo, vemos a mesma mulher em imagem filmada num ecrã de televisão, pronta para um testemunho em plano aproximado. Num interior controlado, distinto do exterior final. “Vamos filmar...” ouve-se em *off*, ordem de comando à qual responde outra voz fora de campo, “O seu hijabe!” Ao pestanejar de olhos da mulher, a voz insiste, “Arranje o cabelo!” A mulher ajeita o pano preto por cima da cabeça ocultando o cabelo grisalho. A pergunta que lhe é feita diz respeito ao papel das mulheres trabalhadoras no acto eleitoral parlamentar que se aproxima. “A importância das mulheres...” Um movimento panorâmico para a esquerda revela então a cena que está a ser filmada, entre mulheres, e que a própria interrompe porque se exaspera, sem conseguir fazer ouvir a sua voz. “Uma pessoa parece que fica tonta em frente da câmara!” O realizador da “cena na cena” corta, fundido a negro para o genérico inicial. O espírito do filme de Rakhshan Banietemad, nascida em 1958 em Teerão, com Golab Adineh no papel da matriarca, Tooba, à volta de cuja família “*Sob a Pele da Cidade*” se constrói, fica esboçado. Faria um bom programa duplo com uma produção iraniana recente, *Os Irmãos de Leila* (*Barandaran-e Leila*, 2022) de Saeed Roustayi com Taraneh Alidoost, a actriz que esteve detida três semanas em meses recentes por protestar contra o regime iraniano nas manifestações em nome dos direitos do povo, e em especial das mulheres iranianas depois da

morte de Mahsa Amini, a jovem curda-iraniana morta depois de ter sido presa pela polícia da moral em nome do código de vestuário da República Islâmica. O estado das coisas continua violento e revolucionário.

Designada “Primeira Dama do cinema iraniano” graças à carga social da dimensão política e familiar do seu trabalho, Rakhshan Banietemad filma desde o início dos anos 1970, tendo começado na televisão e pelo cinema documental. A sua primeira ficção é de 1987 (*Khareh az Mahdudeh / Off-Limits*) e dela, nesta retrospectiva, está igualmente programado *Gilaneh* (2005, nos dias 27 e 30), sabendo-se do testemunho na primeira pessoa que as histórias que tem vindo a filmar derivam de episódios e figuras que conheceu no período documental da sua filmografia. A personagem de Tooba, por exemplo, resultará da investigação realizada para um documentário centrado em mulheres trabalhadoras. Ehsan Khosbahkt chama-lhe “a mais notável realizadora do período pós-revolucionário – uma das tantas que foi para trás da câmara, ainda que com um véu” acrescentando que a [sua] “transição do documentário de propaganda ‘anticapitalista’ para os dramas socialistas realistas e independentes sobre mulheres trabalhadoras tem sido um dos mais espantosos exemplos da evolução do cinema iraniano no pós-revolução.” “*Sob a Pele da Cidade*” segue então a história de uma família da classe operária urbana centrando-se na luta da mãe, empenhada em manter a família unida no ambiente circundante de opressão ou – como exprimiu Laura Mulvey, citada por Ehsan – sintetizando “a forma como o realismo e o melodrama são, de maneiras diferentes, estilisticamente importantes para os dramas de opressão social e injustiça,” para contar a história “das crises enraizadas na desigualdade de classe e género no Irão contemporâneo”.

A magnífica Tooba, composta pela magnífica Golab Adineh (atriz de vários filmes de Banietemad) trabalha – duramente – numa fábrica têxtil onde reina a exploração e vela pela família, de que participam o marido incapacitado; Abbas, o filho mais velho que, sonhando emigrar para o Japão e sustentar toda a família, faz de moço de recados sentindo-se responsável por ajudar toda a família, desde logo o irmão Ali, empenhado num activismo cívico, a irmã adolescente Mahboubeh, e a irmã casada que, grávida, sofre maus tratos e não imagina ser capaz de abandonar o marido. A violência transversal da sociedade patriarcal, e dos homens em geral sobre as mulheres na sociedade iraniana, a partir da cidade hostil que o filme retrata – uma preocupação palpável na obra da realizadora – percorre “*Sob a Pele da Cidade*” cujo título ganha este exacto sentido. É notar a presença de ainda outras personagens e situações: como a conversa sobre a dignidade e a indignidade da vida vem e revem diversos momentos; como a amiga adolescente de Mahboubeh, Masoumeh, vítima de tarefa pelo irmão religioso por ter assistido a um concerto de música, foge para se tornar prostituta e são todos perseguidos pela polícia; como Abbas se insurge contra os abusos reiterados a que a irmã grávida está sujeita junto do marido e como se mostra no inverso da impetuosidade ao lidar com uma mulher, ou como na viagem pelas montanhas e a neve clandestinamente acompanhada pelo irmão que não o deixa sozinho a fúria rapidamente derrete no gelo dando lugar a um abraço. Passa-se o mesmo com a mãe, que tem toda a razão em perdê-la quando percebe ter ficado sem a casa do pátio de tantas cenas e tantos planos pelo disparate cometido pelos homens da família com consequências desastrosas, mas se recompõe ao ser preciso. Questão de fibra e de incondicional, “Não importa. Uma casa não é nada sem os meus filhos lá dentro”. O amor ronda, aliás, de maneira razoavelmente desconcertante. Bate “sob a pele da cidade” nas personagens. Filial, maternal, fraternal, sobretudo. Será o *coração* de que fala a personagem da mãe e que a realizadora filma memoravelmente na sequência da motorizada que Abbas acaba a conversar com a mãe agarrado a dançar a um vestido de noiva. Ou na da viagem na neve pelo silêncio, ou na do diálogo dos irmãos com o azul nocturno em fundo e a fogueira a arder no primeiro plano. Resistir, dizem elas.